

POR UMA LITERATURA NEM TÃO INFANTIL ASSIM: LITERATURA E RESISTÊNCIA

FOR A NOT SO INFANTILE LITERATURE:
LITERATURE AND RESISTANCE

Wallace Rodrigues ¹

Resumo: Esse artigo busca pensar sobre acerca da literatura infantil enquanto objeto de resistência durante a ditadura militar brasileira e para além dela. Nossa análise para esse estudo foi qualitativa e baseada em uma pesquisa bibliográfica na área de literatura e artes. Tomamos como exemplo o livro “Gato pra cá, rato pra lá”, de Sylvia Orthof, originalmente escrito em 1984. Os resultados desse trabalho revelam as potencialidades críticas das obras literárias infantis durante a ditadura militar, isso enquanto instigadoras de uma resistência ideológica sutil e visionária.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Resistência. Sociedade.

Abstract: This paper aims to think about children's literature as an object of resistance during the Brazilian military dictatorship and beyond. Our analysis for this study was a qualitative one and it was based on a literature research in the areas of literature and arts. We took as an example Sylvia Orthof's book “Cat over here, rat over there”, originally written in 1984. The results of this work reveal the critical potentialities of children's literary works during the military dictatorship, while instigating subtle and visionary ideological resistance.

Keywords: Children's literature. Resistance. Society.

“Quando a galinha cantou, o Dragão descobriu que tinha chegado a hora dos fracos cantarem.” (Sylvia Orthof, do livro “Mudanças no galinheiro mudam as coisas por inteiro”, de 1981).

Introdução

Este texto nasce a partir de nossa visão acerca das potencialidades críticas e de resistência na literatura infantil brasileira durante o período da ditadura militar no Brasil, de 1964 a 1985. Tal literatura parece-nos ter sido uma rica fonte de resistência contra o referido regime autoritário, porém colocando-se como uma resistência sutil e visionária (já que buscava pensar algo ideal, mais humano e mais livre para todos).

Nossa escrita para este artigo baseou-se em uma pesquisa bibliográfica nas áreas de literatura infantil, literatura e artes visuais. Nossa análise foi qualitativa, buscando formular pensamentos exploratórios e interpretativos a partir da análise do livro “Gato pra cá, rato pra lá”, de Sylvia Orthof, originalmente escrito em 1984, e republicado em 2012 através da Fundação Itaú Social.

Vale destacar que este artigo parte de uma análise de um livro infantil, mas que não tem a intenção de esgotar as possibilidades de interpretação e de leituras da referida obra escolhida. Além disso, nosso olhar busca revelar algo que vimos como relevante ressaltar em tal obra, mesmo sabendo que há muitas outras possibilidades de mirar uma obra literária.

As mais variadas utilidades do texto literário

Começamos o desenvolvimento deste texto pensando que a arte trabalha não somente com questões materiais da estética, mas também com formulações próprias no âmbito da subjetividade, reinterpretando situações reais e imaginárias. Nesse sentido, refletir sobre um objeto artístico é pensar, também, e principalmente, sobre as várias ideias, sensibilizações e conhecimentos que nos vêm a partir da apreciação de objetos artístico.

Tomando um texto literário enquanto um objeto artístico podemos pensar que o texto não se concretiza somente em sua materialidade física, mas transborda em sentidos variados para cada leitor, transformando-se em um objeto de ideias, de pensares, de saberes, de visões, etc. Tal objeto instiga o leitor a conhecer e a trilhar caminhos novos a partir de uma experiência estética própria de leitura da obra.

Mas não podemos ser ingênuos em pensar que um texto literário trabalha somente no nível objetivo da leitura pois ele traz sempre um nível subjetivo de mensagens, instigando novos pensamentos, até mesmo alguns revolucionários.

Pensando dessa forma, podemos, também, dizer que cada texto literário funciona como um signo novo, uma criação artística única. Décio Pignatari explica como funciona um signo novo, aqui relacionado a uma obra literária:

[...] o signo novo tende a produzir isolamento, é “ininteligível” à primeira abordagem – por sua raridade e inesperado e pelo fato de ser mais “dispendioso” (para o sistema nervoso, por exemplo). Sua absorção se faz com base no repertório e na dinâmica do interpretante (podemos também entender repertório como “memória” e interpretante como o conjunto dos “programas” possíveis do receptor da mensagem) ” (PIGNATARI, 1997, p. 52).

A partir do que nos informa Pignatari, podemos pensar sobre a literatura infantil brasileira. Cada criação literária voltada para o público infantil coloca-se como signo novo, um despertador de

memórias, um tesouro de informações e caminhos a seguir. Assim sendo, é inocente pensar que um livro de literatura infantil executado por um adulto não envolva os problemas de uma determinada sociedade, levantando questões sobre a realidade da vida e da época.

Ainda sobre as funções dos textos literários, Antônio Candido, falando das várias funções do texto literário, deixa-nos ver que a literatura pode funcionar como “representação de uma dada realidade social e humana”:

Muitas correntes estéticas, inclusive as de inspiração marxista, entendem que a literatura é sobretudo uma **forma de conhecimento**, mais do que uma **forma de expressão** e uma **construção de objetos semiologicamente autônomos**. Sabemos que as três coisas são verdadeiras; mas o problema é determinar qual o aspecto dominante e mais característico da produção literária. Sem procurar decidir, limitemo-nos a registrar as três posições e admitir que a obra literária significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado; mas que esta autonomia não a desliga das suas fontes de inspiração no real, nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele. Isto posto, podemos abordar o problema da **função da literatura como representação de uma dada realidade social e humana**, que faculta maior inteligibilidade com relação a esta realidade. Para isso, vejamos um único exemplo de relação das obras literárias com a realidade concreta: o regionalismo brasileiro, que por definição é cheio de realidade documentária (CANDIDO, 1972, p. 805-806, negrito nosso).

Pensando a partir do que nos informa Candido, percebemos que a literatura, enquanto “representação de uma dada realidade social e humana”, pode servir como uma forma de resistência a determinada realidade, até mesmo a literatura infantil. Candido, em seu conhecido texto “O direito à literatura”, amplia ainda mais nossa compreensão sobre a literatura, colocando-a como uma necessidade fundamental para todo homem (isso desde a infância):

[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília **a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós**, analfabeto ou erudito, como anedota, causo, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance (CANDIDO, 2004, p. 174-175, negrito nosso).

Também, Tereza Colomer deixa-nos ver que a atividade literária está intimamente ligada à sociabilidade, explicitando questões da atividade humana pela via da linguagem:

[...] o objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a formação da pessoa, uma formação que aparece ligada indissolavelmente à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem (COLOMER, 2007, p. 31).

Se a literatura lida tão diretamente com questões da sociedade e da sociabilidade humana, por que ela se eximiria de levantar pensamentos (mesmo que subliminares) acerca da situação social de uma sociedade? Pensamos especificamente na época da ditadura militar e seus problemas: desaparecimento de pessoas, repressão, censura nas artes e na mídia, entre outras mazelas causadas pela ditadura militar de então.

Neste caminho, os “Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa” nos ajudam a pensar que cada obra literária deve trabalhar para a formação crítica dos leitores através do reconhecimento das possibilidades de aprofundamento das questões expostas no texto literário:

A questão do ensino da literatura ou da leitura literária envolve, portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. Com isso, é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tratá-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do “prazer do texto”, etc. Postos de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a **formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.** (BRASIL, 1997, p. 30, negrito nosso)

Não estamos aqui tentando dizer que a literatura infantil produzida durante a ditadura militar seja uma literatura subversiva, mas que ela trabalha, com certeza, com os elementos da sociedade de então para formular suas narrativas.

Assim sendo, pensando sobre resistências a partir da literatura infantil, podemos utilizar-nos do livro “Gato pra cá, rato pra lá”, da escritora carioca Sylvia Orthof (1932-1997). Vale dizer que este livro, com texto original de 1984, foi republicado em 2012¹ pela Editora Rovel para a Fundação Itaú Social (vide figura 1), fazendo com que a obra de Sylvia Orthof fosse redescoberta e revisitada pelas gerações atuais.

Sylvia Orthof publicou seu primeiro livro em 1981, com o título “Mudanças no galinheiro mudam as coisas por inteiro”. Em 1983 recebeu o renomado Prêmio Jabuti de Literatura Infantil por “A Vaca Mimosa e a Mosca Zenilda”. A partir daí ela escreveu mais de cem livros. Vejamos o texto de “Gato pra cá, rato pra lá”:

ERA UM GATO, MUITO VIAJADO,
QUE ANDAVA PULANDO POR SOBRE O TELHADO,
E ENCONTROU, DE REPENTE, DE CINZA VESTIDO,

1 ¹ As ilustrações dessa edição são da artista carioca Graça Lima.

UM RATINHO CHOROSO QUE ESTAVA PERDIDO.

O GATO, DE FATO, QUE NÃO GOSTA DE RATO,
QUIS MORDER, QUIS PEGAR SEU ETERNO INIMIGO,
MAS O RATO CINZENTO PARECIA ALGUÉM
TÃO SOZINHO, COITADO, SEM TER NINGUÉM.
QUE DESPERTOU NO GATO UMA CERTA TRISTEZA
VENDO O RATO CHORANDO, NAQUELA FRAQUEZA.

DONA LUA, REDONDA, QUE A TUDO ASSISTIA,
VIU O RATO SOFREDO, NAQUELA AGONIA,
SAIU LÁ DO ALTO DA SUA MORADA, DESCEU CÁ
PRA PERTO, CHEGOU APRESSADA, USANDO,
DE PRATA, UMA ESCADA ROLANTE,
POUSOU NO TELHADO A LUA BRILHANTE.

O GATO PRA CÁ, MIANDO PRO RATO.
O RATO PRA LÁ, COM MEDO DO GATO...

MAS VENDO A LUA, O GATO, DE FATO,
FICOU AMOROSO, MIANDO POESIA.
A LUA, TÃO GATA, TÃO PRATA, SORRIA.

O RATO CINZENTO APROVEITOU O SOSSEGO,
PULOU NO LUAR E VIROU UM MORCEGO!

Podemos começar a pensar a partir do título da obra, pois ele demonstra claramente a separação entre gato e rato. Há uma clara disjunção, uma clara parede entre eles, como se eles não pudessem conviver em paz. Num período de ditadura militar, colocar cada um em seu lugar era uma tarefa que fazia com que as pessoas não se misturassem, trazendo uma certa “ordem” social. Por exemplo: “subversivos” não se misturavam com “cidadãos de bem”, ricos não se misturavam com pobres, pretos não se misturavam com brancos, etc. Isso fazia com que a sociedade sonhada pelos militares fosse aquela de regras sociais rígidas, desnivelando as pessoas, tirando delas a cidadania e o direito de serem iguais perante a lei, além de apagarem qualquer sonho de ascensão social. Assim, o título do livro coloca-se como bastante revelador, pois mostra-nos uma clara separação de visões de mundo, de anseios de vida, de caminhos a seguir.

Figura 1. Capa de “Gato pra cá, rato pra lá



Fonte: ORTHOF, Sylvia. Gato pra cá, rato pra lá. Rio de Janeiro: Editora Rovellet, 2012.

Vemos, também, que o texto é uma fábula entre gato, rato e lua. O gato busca perseguir e devorar o tristonho rato. A lua vem ao encontro dos dois, através de sua luminosidade, e seduz o gato. Nesse momento, o rato transforma-se em um morcego e voa para a liberdade.

Carlos Drummond de Andrade fala-nos o seguinte sobre essa fábula: “Gato pra cá, rato pra lá é das fábulas poéticas mais encantadoras que já vi. Exala afetividade, graça, compreensão ideal da vida” (ANDRADE apud ORTHOF, 2012, p. 5). Andrade exalta, assim, a questão mais sensível da obra, deixando de lado qualquer envolvimento social mais reflexivo e crítico.

Vemos que essa compreensão ideal da vida pode estar relacionada à própria realidade da época. A relação predador versus presa faz muito sentido dentro da ditadura militar vivida então. O auxílio brilhante de um ser externo e a busca pela liberdade marcam um anseio de livramento, de deixar aquilo que nos oprime.

Ainda, a sonoridade do texto faz com que ele tenha ainda mais graça, seja ainda mais leve, apesar de sua mensagem de perseguição, intervenção e libertação. Os céus, lugar do luar, coloca-se como um espaço de livramento, de emancipação.

Também, podemos associar a imagem do gato à aquela do opressor militar e a do rato à do oprimido, fragilizado e entristecido pelo regime. A lua, como interventora poderosa, acaba por ajudar o oprimido a escapar de sua opressão e buscar a liberdade. Essa história parece relacionar-se àquelas de muitos refugiados políticos durante a ditadura militar brasileira (1964-1985), que tiveram que fugir para manterem-se vivos.

Nesse período ditatorial, o Ato Institucional número 5 (AI5) instaurou a censura sobre todos os meios de comunicação, inclusive sobre as publicações literárias. Rodrigues nos conta que:

No Brasil, a ditadura militar foi instaurada em 1964 e oficialmente terminada em 1985. O período mais autoritário da ditadura brasileira aconteceu depois da criação do Ato Institucional número 5 (AI-5), em 13 de dezembro de 1968, que suspendia todos os direitos civis dos cidadãos. A partir deste ato a vida cultural brasileira mudaria de rumo com a forte influência da censura pública sobre todos os campos das artes (RODRIGUES, 2012, p. 100).

A partir da passagem anterior vemos que a ditadura militar cria a censura prévia para todos os objetos artísticos e comunicacionais, incluindo a literatura infantil. E a literatura infantil brasileira produzida nesse período é extremamente rica.

Vale lembrar que muitos livros importantes de literatura infantil brasileira foram escritos durante a ditadura militar. Temas como o enfrentamento, o questionamento familiar, a busca por liberdade e informação, a coragem para lutar e resistir, a busca do diálogo, entre outros pontos, fez parte dos enredos de muitas narrativas escritas para o público infantil na época da ditadura militar.

Sobre a situação histórica (de ontem e hoje) da literatura infantil brasileira, a professora Ana Crélia Dias, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, informa-nos que:

Conhecidos como “filhos de Lobato”, autores responsáveis pelo conhecido *boom* da literatura infantil na década de 1970 do século passado, em pleno período ditatorial, desdobraram as lições lobatianas: dali saíram os reis mandões de Ruth Rocha; as crianças não-silenciáveis de Ana Maria Machado; as fadas nada típicas de Sylvia Orthof; e as crianças e animais na experiência da dor de existir em um ambiente opressor de Lygia Bojunga. As relações da infância com o adulto, seus cuidados e opressões, são encenadas ora em tom humorístico, ora como condição desigual na roda de existir no mundo das regras, para o qual a criança é convidada a adequar-se. A literatura infantil produzida no referido período passou ao largo dos olhares da censura. Se na década de 1970 do século 20 a censura manteve-se distante desse tipo de obra que ali se produzia, não podemos dizer o mesmo em relação aos tempos atuais. Com grande parte da produção de livros ainda muito próxima de uma escrita prescritiva de valores e comportamentos dirigidos à infância, a literatura infantil tem sido alvo de cerceamentos graves quando se afasta — na leitura dos moralistas — daquelas que deveriam ser as diretrizes para a educação das crianças. A retirada de títulos de acervos comprados pelos governos, em diferentes esferas, mostra um cenário em que o conservadorismo instala suas rédeas como tuteladoras da infância. Vivenciamos, nos últimos dois anos, polêmicas em torno de textos (alguns já balzaquianos), frente as quais o posicionamento crítico ainda desampara muito os professores que estão na linha de frente desse processo: o conto *A triste história de Eredegalda*, do livro **Enquanto o sono não vem**, de José Mauro Brant, foi acusado de incentivar incesto; **Meninos sem pátria**, de Luiz Puntel, seria propagador de ideologia comunista; **O menino que espiava pra dentro**, de Ana Maria Machado, incentivaria o suicídio; e, agora, **A bolsa amarela**, de Lygia Bojunga, no qual me deterei um pouco mais, incita a “ideologia de gênero” (DIAS, 2019, p. 1-2, negrito da autora).

A partir da citação da professora Dias, podemos verificar que a literatura brasileira já atravessou vários momentos históricos problemáticos do Brasil. No entanto, tal literatura está, na atualidade, sendo lida a partir de um olhar extremamente conservador, moralista e puritano. Até políticos, hoje em dia, querem censurar o acesso a determinadas obras, como nos mostra a autora. Lembremos que durante a ditadura militar de 1964 a 1985 a literatura infantil foi deixada de lado pelos censores. Isso mostra-nos uma censura muito mais forte hoje em dia (tempos ditos como

“democráticos”) à literatura infantil do que durante o período militar.

Ainda, Josenildo Oliveira de Moraes, em sua dissertação intitulada “A literatura infantil como instrumento de denúncia da ditadura militar”, de 2011, defendida na Universidade Estadual da Paraíba, mostra-nos as lições dadas às crianças a partir dos criativos temas levados pelas obras de literatura infantil durante a ditadura militar:

[...] escritores que vivenciaram este momento e tiveram que aprender a driblar o regime de censura estabelecido. Assim, fazendo uso de metáforas e alegorias, eles deixaram para a criança leitora exemplos de como esse sistema de governo foi cruel, tirano e contrário ao que se pode esperar de alguém que se coloque a serviço da população. Isso foi extremamente relevante para as gerações seguintes. Elas se tornaram mais combativas e determinadas em suas ações também devido ao contato com essas obras, que lhes estimularam o livre pensar, a tomada de decisões conscientes voltadas para o coletivo, para a organização das pessoas, estimulando a partilha e a solidariedade como instrumentos de luta contra o imperialismo e o capitalismo selvagem que pregam o individualismo como meio mais forte de assegurar a continuidade no poder. (MORAIS, 2011, p. 99)

Nessa mesma linha de pensamento, Assis Brasil destaca a historicidade de toda obra de arte, ligando-a a seu *zeitgeist*, e a devastadora imposição de censura sobre os trabalhos artísticos em várias áreas de criação:

O fato é que todo artista consciente já tem o seu compromisso com a realidade social, sem que lhe tenham que ditar normas. A própria obra de arte, por outro lado, já tem a sua historicidade, vive o seu momento de empenho e atuação. A censura, fruto de outro aspecto da repressão e da impostura política, já foi chamada de “inquisição sociológica” e muitos artistas sofreram na carne a sua atuação. (BRASIL, 1984, p. 184)

A partir das citações anteriores e de nossas reflexões, pudemos pensar nos mecanismos utilizados pelos escritores de literatura infantil, durante o período da ditadura militar, para levar a seus leitores mensagens de encorajamento, de estímulo ao pensamento criativo e de busca de liberdades, como no caso do livro “Gato pra cá, rato pra lá”, de Sylvia Orthof.

Considerações Finais

Este texto buscou refletir um pouco sobre a sociedade em que se vive e as obras de literatura infantil que tal sociedade produz. No caso específico deste escrito, partimos da obra “Gato pra cá, rato pra lá”, de Sylvia Orthof, de 1984, para discutirmos a relevância crítica da literatura infantil produzida durante a ditadura militar no Brasil.

Nossa análise deixa-nos ver que muitas obras de literatura infantil produzidas entre 1964 e 1985 detêm um caráter de resistência sutil ao regime autoritário instaurado. Tal literatura deu às crianças um sentido de enfrentamento, de questionamento familiar, de busca por liberdade e informação, de coragem para lutar e resistir, de busca de diálogo para solucionar problemas, entre outros pontos.

Fica clara a importância contestadora da ordem sociopolítica vigente durante o regime militar por meio de muitas obras de literatura infantil, principalmente de autoras como Lygia Bojunga, Fernanda Lopes de Almeida, Sylvia Orthof, Ruth Rocha e Ana Maria Machado, entre outras.

Finalizando, vale destacar essa forte e relevante presença criativa das mulheres na escrita de literatura infantil durante o regime militar para contestar aspectos autoritários e opressores impostos então. Como nos dizia a escritora Edla van Steen: “O texto da mulher é muito forte no Brasil” (Van Steen *apud* Gonçalves; Simon, 2018, s/p).

Referências

- BRASIL, A. **Dicionário do conhecimento estético**. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A., 1984.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.
- CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. Revista Ciência e Cultura, Campinas, n. 24, v. 9, p. 803-809, set. 1972.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. IN: **Vários escritos. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, pág. 169-191.**
- COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.
- DIAS, A. C. Territórios em conflito. A literatura infantil tem sido alvo do conservadorismo nos tempos atuais. **Rascunho**. Ensaios e resenhas. Pág. 1-3, Ago. 2019. Disponível em: <http://rascunho.com.br/territorios-em-conflito>. Acesso em: 30.nov.2019.
- GONÇALVES, L.; SIMON, R. ‘O texto da mulher é muito forte no Brasil’; leia entrevista inédita com Edla van Steen. 06 Abr. 2018. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/04/o-texto-da-mulher-e-muito-forte-no-brasil-leia-entrevista-inedita-com-edla-van-steen.shtml>. Acesso em: 30.nov.2019.
- MORAIS, J. O. de. **A literatura infantil como instrumento de denúncia da ditadura militar**. Dissertação de mestrado para o programa de pós-graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, 2011.
- ORTHOFF, S. **Gato pra cá, rato pra lá**. Ilustrações de Graça Lima. Rio de Janeiro: Editora Ravelle, 2012.
- PIGNATARI, D. **Informação Linguagem Comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.
- RODRIGUES, W. Arte de guerrilha no Brasil ditatorial: O caso das produções de Cildo Meireles e Hélio Oiticica pela via filosófica de Giorgio Agamben. IN: **Palíndromo**. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – CEART/UDESC, número 8, 2012, 2, pág. 99-114, disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/3456/2477>. Acesso em: 30.nov.2019.

Recebido em 02 de dezembro de 2019.

Aceito em 18 de fevereiro de 2021.